

## EDITORIAL

### OS COMPROMISSOS DA PESQUISA ACADÊMICA, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

MENEZES NETO, Antônio Júlio<sup>1</sup>

#### INTRODUÇÃO

A produção acadêmica no Brasil, divulgada em forma de artigos em revistas e através de livros, passa por um enorme crescimento quantitativo e, possivelmente, qualitativo. Este fato, longe de trazer qualquer unanimidade comemorativa, tem servido muito mais para debates e reflexões: afinal, por que, para quem, o que e como estamos produzindo nossas pesquisas? As avaliações estão dando mais qualidade ou estão servindo para o controle de nosso trabalho? O Qualis nos coloca uma camisa de força ou é um indicativo importante para nossas publicações? Estas questões estão aparecendo, freqüentemente, em nosso cotidiano e, conseqüentemente, reflexões acerca do papel da pesquisa e do desenvolvimento científico e tecnológico tornam-se fundamental.

A publicação de artigos e livros está sendo motivo de debates acerca de “quais as revistas são mais adequadas para abrigar as nossas publicações”: aquelas dirigidas apenas aos pares ou pode-se ampliar o leque para um público mais amplo sem perder a qualidade das publicações. Não concordando com esta dualidade, acredito que não podemos trabalhar sempre com dicotomias, como é tão comum na universidade.

A produção acadêmica deve ter um caráter científico e pode, muito bem, ser amplamente divulgada para além dos pares acadêmicos. Uma questão não pode excluir a outra. Podemos, e devemos fazer artigos de qualidade social e divulgarmos para o público mais amplo possível.

O sociólogo Pierre Bourdieu, que se tornou um crítico dos intelectuais academicistas, afirmava que estes deveriam ter o rigor necessário na produção científica, mas que não poderiam ficar apenas nos entremuros universitários. Dizia que era falsa a dicotomia entre intelectuais engajados e intelectuais acadêmicos, pois o intelectual deveria ter a capacidade de inserção em ambas as esferas.

“Dito de outro modo, é necessário acabar com contradições que só existem nas nossas cabeças e que servem para autorizar várias formas de exclusão, a começar pela exclusão do sábio que se encerra na sua torre de marfim. A dicotomia entre *scholarship* e *commitment* tranqüiliza a boa consciência do pesquisador porque ele recebe a aprovação da comunidade

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação, Coordenador do NETE e Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFMG.

científica. É como se os cientistas se considerassem duplamente sábios pelo fato de não usarem a sua ciência para nada<sup>2n</sup>

De toda maneira, torna-se positivo o fato de que a produção acadêmica e científica esteja no centro de diversos debates atuais, pois são diversas as análises que demonstram o caráter produtivo da ciência para o capital ou para as classes populares. O mito da neutralidade científica - sonho positivista de considerar que a “verdade” pode ser conhecida pela ciência -, já foi bastante questionada ao longo dos últimos séculos. Mas, como o mundo acadêmico continua sendo muito influenciado por ideais positivistas, a pretensa “competência” e “neutralidade científica” são “mitos” constantemente ressuscitados e reforçados.

E o manto da “neutralidade científica” serve para, em grande parte dos casos, encobrir as subjetividades e ideologias. É a disputa hegemônica na sociedade acadêmica. Novamente, volto a Bourdieu num artigo em que ele chama os pesquisadores à responsabilidade social engajada:

“Se, atualmente, for importante, se não necessário, que certo número de pesquisadores se associe ao movimento social, é porque estamos confrontados com uma política de globalização. (...). Esta política é, em grande medida, mantida em segredo no que se refere à sua produção e à sua difusão. Só para conseguir descobri-la antes que seja posta em prática, é já necessário fazer um verdadeiro trabalho de investigação.(...). A questão que se coloca é saber se aqueles que, por via do seu conhecimento científico, podem antecipar as conseqüências desastrosas desta política podem e devem permanecer silenciosos. Ou se esse silêncio não equivale a uma espécie de “não-assistência a pessoas em perigo”. Se for verdade que o planeta está sob a ameaça de graves calamidades, então aqueles que crêem conhecer essas calamidades antecipadamente não terão o dever de abandonar o tradicional recato que os cientistas impõem a si próprios?”<sup>3</sup>

## **A PRODUÇÃO CIENTÍFICA É NEUTRA? POLÊMICAS ATUAIS**

Como exemplo das polêmicas que envolvem as atuais pesquisas acadêmicas, pode-se citar as investigações com alimentos transgênicos, motivo de debates entre diversos pesquisadores e motivo de posicionamento político de movimentos sociais. Neste caso específico, alguns pesquisadores dizem que o transgênico é a nova revolução na produção de alimentos, ao passo que outros dizem que ele é prejudicial ao meio-ambiente social e natural.

Outro conflito bastante evidente diz respeito à transposição do Rio São Francisco. Enquanto, por um lado, pesquisadores “comprovam” que as águas transpostas não trarão danos ao Rio e levarão água ao sertão, outros estudiosos da questão garantem que o Rio será prejudicado, que o meio-ambiente será desrespeitado e que o projeto serve, na realidade, para levar o agronegócio ao sertão, expulsando os trabalhadores do semi-árido.

Estes debates acompanham a história da produção científica, pois esta não é neutra. É, antes, parte de uma sociedade com interesses e idéias conflituosas. Nas sociedades do capital, teremos pesquisadores que realizam pesquisas para grandes

---

<sup>2</sup> Publicado no Jornal *Le Monde Diplomatique*, edição Portuguesa, n. 35, Ano 3 – Fev. 2002 – p. 3.

<sup>3</sup> Ibidem.

empresas, com grandes financiamentos, assim como teremos quem pesquise -com todas as dificuldades inerentes à sua opção política- para as classes trabalhadoras.

Esclareça-se, porém, que a sociedade democrática aceita este princípio, ou seja, admite a existência de interesses contraditórios na sociedade de classes e que a vontade da maioria deve prevalecer. Este conflito de idéias e interesses também existe na produção acadêmica, mas muitas vezes sem a possibilidade do debate e do contraditório. E, como as forças do capital são predominantes em nossa sociedade, a ciência e a tecnologia atuam, majoritariamente, em benefício da reprodução do capital, mas não sem conflitos, debates e disputas contra-hegemônicas.

O mito do pesquisador “preso” em seu laboratório, de cabelos desarrumados e língua de fora, comprometido apenas com o conhecimento e a “verdade”, já está superado. As convulsões que movem o mundo moderno fazem com que o pesquisador tenha de tomar partido, se organize, se transforme em um trabalhador, mesmo que ele resista e se considere “neutro e técnico”

Assim, mesmo de forma velada, cada vez mais os pesquisadores acadêmicos se posicionam no conflito de classes, deixam a falsa neutralidade, assumem seu papel na sociedade e abrem perspectivas para importantes análises sociológicas acerca do papel social da ciência, pois, ciência e tecnologia passam a ser vistas no dinamismo das demandas e conflitos sociais.

Como já salientado, produção acadêmica é parte e, em decorrência, produz e reproduz a sociedade na qual está inserida. No contexto de uma sociedade hegemonicamente capitalista, ela será conservadora. Mas, ao mesmo tempo, é uma força capaz de trazer e levantar contradições e contribuir para transformar esta mesma sociedade do qual ela é produto. Assim, a pesquisa deve ser criativa, inovadora e o pesquisador deve deixar claro as quais interesses ela está vinculado.

No mundo capitalista atual, no qual a ciência foi transformada em força produtiva, tornando-se importante agente econômico capaz de aumentar a intensidade da produção e da extração de mais-valia, o processo produtivo procurou dominar e comandar as produções científicas, que, perdeu, assim, qualquer aura de neutralidade.

## **A TEORIA CRÍTICA E A PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**

Pelo lado do pensamento crítico, os teóricos da Escola de Frankfurt (Marcuse, Adorno, Horkheimer, Habermas) fizeram interessantes estudos críticos acerca do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Destaco, dentre eles, o filósofo alemão Herbert Marcuse. Ele diz que a ciência e a tecnologia tornaram-se, não só forças produtivas nas sociedades modernas, mas também ideológicas, possibilitando alienar os trabalhadores e legitimar o sistema capitalista-industrial como força de dominação e controle. Pois, para Marcuse, o aumento da produtividade, no atual sistema, seria um fator de alienação da reflexão crítica da classe trabalhadora, tornando-os submetidos a uma sociedade unidimensional e homogênea.

Para o filósofo alemão, como as idéias não estão separadas das condições sociais e históricas nas quais são produzidas, a ideologia da classe dominante pode legitimar-

se por intermédio de uma maior distribuição de bens materiais -fruto do desenvolvimento científico e tecnológico cujos resultados são transformados em mercadorias- aos indivíduos por meio do maior incremento da produção. Os trabalhadores trocariam o acesso à mercadoria e o ao mundo do consumo pela possibilidade da liberdade humana e, os conflitos de classe, próprios do sistema capitalista, seriam absorvidos e bloqueariam as mudanças revolucionárias.

Desse modo, o desenvolvimento das pesquisas científicas e tecnológicas serviriam, não só para produzir mercadorias, mas também para produzir a ideologia capitalista e, assim, bloquear o projeto emancipatório da liberdade:

"O aparato técnico de produção e distribuição não funciona como a soma total dos meros instrumentos que possam ser isolados de seus efeitos sociais e políticos mas, antes, como um sistema que determina a priori, tanto o produto do aparato como operações de sua manutenção e ampliação. A tecnologia serve para instituir formas novas e mais eficazes e agradáveis de controle e coesão social (MARCUSE, 1982, p.18)<sup>4</sup>.

O conflito de classes seria substituído pela noção de progresso para todos, dirigida com a finalidade do comportamento adaptativo ao sistema. Marcuse (1982) faz a crítica a esses conceitos:

"Em face das particularidades totalitárias dessa sociedade, a noção tradicional de 'neutralidade' da tecnologia não mais pode ser sustentada. A tecnologia não pode, como tal, ser isolada do uso que lhe é dada. A sociedade tecnológica é um sistema de dominação que já opera no conceito e na elaboração das técnicas" (p. 19)<sup>5</sup>.

## FINALIZANDO

A ciência é um espaço em disputa. E os setores populares, comprometidos com o mundo do trabalho e dos quais milhares de pesquisadores "bravamente" são parceiros, resistem e apresentam outro projeto de sociedade, outro projeto de desenvolvimento científico, que sirva a maioria da população.

Um debate que não pode faltar é a democratização de nossas publicações, principalmente livros, pois estes são regidos, hoje, pela lógica do mercado editorial. Deveríamos discutir mais estas questões, pois educação e cultura não são mercadorias. Para romper com esta lógica, o poder público, de forma geral, e as universidades, mais especificamente, deveriam ter editoras e gráficas que mantivessem este espírito público e publicassem a fundo perdido, livros e artigos produzidos nas universidades. Estas editoras deveriam ter uma função estritamente pública, sem nenhuma relação com o mercado editorial, sendo comprometidas apenas com a publicidade das pesquisas. Sabemos que as editoras privadas, para publicar, usam - e não poderia ser diferente - o critério do potencial da venda do livro, ou seja, o critério do mercado, econômico, o que não deveria balizar as publicações científicas.

Bourdieu convoca os pesquisadores para se associarem aos movimentos populares. Marcuse nos diz que a ciência e a técnica podem ser instrumentos de controle

<sup>4</sup> MARCUSE, H. **A ideologia da sociedade industrial**. Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

<sup>5</sup> Ibidem.

social. E nós, como pesquisadores sociais, comprometidos com as mudanças e um mundo mais justo, como vamos nos posicionar? Como vamos nos situar perante o compromisso social e acadêmico?